

JOVENS NA CIDADE

PAULO CESAR RODRIGUES CARRANO*

1. Introdução

O problema central da pesquisa que desenvolvi em minha tese de doutorado¹ relaciona-se com a investigação de processos educativos que se dão no curso das práticas de lazer dos jovens na cidade. A pesquisa de campo foi desenvolvida durante os anos de 1998 e 1999 na cidade de Angra dos Reis. Na pesquisa entrevistei, conversei e estabeleci relações de amizade com jovens que constituem grupos de lazer em torno de signos culturais, interesses comuns e atitudes compartilhadas. Em minhas andanças pela cidade estive com jovens inseridos em diferentes práticas culturais de lazer e tempo tais como as relacionadas com o funk, o skate, o rock, a capoeira, o futebol, a cultura *clubber*, as religiões católica e evangélica, dentre outras que contribuem para configurar múltiplas identidades juvenis na cidade.

Trago neste artigo algumas das discussões que emergiram dos estudos que realizei e da análise do material empírico que produzi no desenvolvimento da pesquisa. Não pretendo assim, fazer um relato minucioso do processo de pesquisa, mas levantar questões que considero importantes para o entendimento da realidade dos grupos das juventudes em nossas cidades.

2. Sociabilidade e Práticas Educativas na Cidade

Ao trabalhar com uma ampliada noção de processo educativo procurei ultrapassar fronteiras disciplinares que separam as usuais noções de educação e cultura. A recusa em compreender a educação apenas enquanto o âmbito das aprendizagens institucionais trouxe o desafio de compreendê-la também como processo social de compartilhamento de significados para além dos espaços instituídos de formação educacional, tais como a escola.

As práticas sociais ocorrem em circuitos culturais hegemônicos com sujeitos que, em diferentes ocasiões e das mais variadas maneiras, os confirmam ou a eles se opõem. O mundo do trabalho, as relações familiares, a participação em atividades educativas orientadas, o consumo de mercadorias culturais, os programas de televisão, os grupos e espaços de lazer, as práticas religiosas, dentre outras atividades e contextos sociais, compõem uma complexa rede de possibilidades educacionais mais ou menos sistematizadas e experiências informais que estruturam o processo humano de formação.

A perspectiva central da análise voltou-se para a recuperação das redes de sociabilidade vividas por jovens em diferentes contextos formativos. Nas redes de amizades, nos conflitos com outros grupos, na utilização de espaços públicos e

*
Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense.

¹
Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF, no ano de 1999, intitulada *Angra de tantos reis: práticas educativas e jovens tra(n)çados da cidade*.

privados e no relacionamento com a indústria cultural entram em jogo práticas educativas formadoras de identidades múltiplas. Os grupos que privilegiei (capoeira e rock) para o acompanhamento de campo se apresentaram como ativos produtores de cultura. A relação com os jovens em seus grupos me levou a considerar que algumas categorias simplificam a complexidade das práticas culturais dos jovens na cidade. Ao apontar para a homogeneidade das relações sociais dos grupos da juventude, a categoria *tribos urbanas* (Maffesoli, 1998 e 1997) expõe seus limites conceituais para explicar as identidades múltiplas que circulam nas diversas redes sociais. Até mesmo nos grupos com forte identificação gregária, onde as trajetórias dos sujeitos se cruzam intensamente, existem processos que fazem com que os seus membros se distanciem por outras redes de significados, configurando variadas possibilidades de vínculos sociais que podem ser tramados nas cidades.

3. A Autoridade Educadora das Mercadorias Culturais

Uma das fortes evidências do trabalho de campo se relaciona com o magnético poder das mercadorias culturais nos espaços e tempos de lazer. A indústria cultural fez do lazer o seu território privilegiado, não apenas se comunicando nas linguagens adotadas pelos jovens mas também procurando redefini-las constantemente, em suas dimensões estéticas, éticas, ideológicas, corpóreas.

As mercadorias culturais são, simultaneamente, processo de alienação e pertencimento social. Elas estabelecem vínculos sócio-afetivos que funcionam como resposta à fragmentação social dos territórios da cidade. O processo de realização de conexões e significados sociais ocorre sem imposição explícita de significados, uma vez que a comunicação oferecida pelas mercadorias culturais não traz a marca explícita da autoridade, tal como aquela encontrada na família e na escola. Assim, a oferta de significados culturais se apresenta sem o sentido explícito da responsabilidade educativa. As mercadorias culturais exercem sua influência individual e coletiva inundando o ambiente cultural através dos meios eletrônicos e de produtos, produzindo um quadro hegemônico de sedução e saturação semiótica.

O agravamento das condições econômicas das classes trabalhadoras coincide com um quadro social de apelo ao consumo intensivo de mercadorias culturais, num ambiente de comunicação aparentemente mais democrático. A denominada condição pós-moderna apresenta novas ordens de significação para a experiência cotidiana dos indivíduos e dos grupos sociais nas cidades. Por um lado, processos culturais tradicionais e instituições dominantes perdem legitimidade e muitas vezes assumem a dimensão de irrelevância social. Por outro, mercadorias culturais assumem o papel de verdadeiras *autoridades educacionais*, ao lado de outras esferas de socialização: família, relações de trabalho, escola, redes de amizade etc.

O consumo de mercadorias não deixa de ser cultural, uma vez que é realizado num contexto de significação social. As mercadorias encontram sua principal

significação relacionada com o sensual, com o tátil, com a estetização, os estilos, a projeção do corpo e seus estímulos íntimos de ser e se relacionar. Para a juventude, os espaços de lazer se constituem como verdadeiros espaços de sociabilidade e formação subjetiva. As cidades são constituídas por uma grande variedade de *espaços de celebração* (Maffesoli, 1994) fortemente articuladas por mercadorias culturais. Culto ao corpo, sexo, relações amorosas, esportes, drogas e amizades são variações temáticas que permitem que o lugar de encontro se transforme em laço e mercado de trocas materiais e simbólicas.

O reconhecimento do poder das mercadorias culturais na produção da subjetividade e das identidades coletivas não deve significar, contudo, a entrega a nenhum tipo de fatalismo frente ao mercado. Muitos movimentos culturais da juventude vêm demonstrando que é possível elaborar espaços de autonomia relativa para a produção cultural, mesmo num contexto de ostensiva presença do mercado na mediação dos relacionamentos sociais.

Encontrei situações que podem ser consideradas como expressão da criatividade cultural de sujeitos locais que não apenas reproduzem o forte domínio das mercadorias produzidas pelas indústrias culturais globalizadas. O caso das bandas de rock da cidade é exemplar, por ocorrer no contexto de uma das mais expressivas manifestações da internacionalização cultural dos sentidos e estilos juvenis de pensar, sentir e agir. A sociabilidade praticada no lugar é contudo única, sendo vivida pessoal e coletivamente no contexto das muitas configurações que se estabelecem na movimentação dos diferentes grupos da juventude. A recomendação “conquiste primeiro sua cidade” do músico Herbert Vianna, para os jovens das bandas de rock em busca do sucesso, não significa uma simples estratégia de marketing, mas expressa o sentimento de quem percebe o quanto a *energia do lugar* é vital para a conquista de novos relacionamentos com o mundo.

Jovens músicos da cidade perseguem a chance de gravar suas músicas em *compact disc* (CD). Este é um interessante movimento da massificação das tecnologias digitais de produção musical que fez surgir as produções independentes e tornou mais complexo o mercado fonográfico, até há alguns anos polarizado pela relação entre os denominados *majors* e *indies*.² Apesar da busca de sintonia com as grandes tendências do mercado, presente em muitas das produções independentes, é possível perceber a produção de alternativas à essas grandes tendências de mercado, expressando a grande multiplicidade de referenciais de identidades existentes nos grupos da juventude.

O vocalista de uma das bandas da cidade deu um depoimento revelador da relação entre o mercado e a identidade pessoal. A sua banda gravou o primeiro CD numa tentativa de conquistar o mercado através de um estilo de música que faz sucesso entre o público jovem da cidade, um *rock balada* aproximado ao que foi produzido pela banda Legião Urbana, durante os anos 80. Entretanto, revelou que, simultaneamente, organiza uma outra banda de rock pesado sem fins

2 Os *majors* são os grandes selos — todos parte dos conglomerados transnacionais — que baseiam suas vendas na promoção de alguns poucos artistas (*blockbusters*). Os *indies* são os selos independentes que atuam no mercado de forma segmentada, descobrindo e promovendo novos artistas, em geral, para repassá-los à empresas *majors*.

comerciais, apenas para manter a liberdade de consciência e poder expressar o que realmente sente com o rock.

4. Aprendizagens Significativas

Os jovens músicos com os quais conversei reconhecem a necessidade de, em determinados momentos, desenvolver aprendizagens contínuas e regulares, de preferência sob a orientação de um professor reconhecidamente experiente. Entretanto, ao comentarem os seus diferentes processos de aprendizagem musical, ficou evidenciada a força do interesse de cada um em aprender, socializar e ampliar os conhecimentos no grupo. O conhecimento da língua inglesa por um número significativo de jovens ligados às culturas do *skate-rock* é exemplar da aprendizagem potencializada em contextos de grupos de estilos e atitudes compartilhadas. Torna-se quase impossível decifrar as linguagens desses jovens sem um mínimo domínio do inglês, idioma que, em grande medida, é acessado sem a intermediação de instâncias formais de aprendizagem.

A perspectiva da aquisição e produção de conhecimentos é uma tônica dos muitos grupos de lazer, não apenas em seus aspectos formais, mas como conhecimentos vivos e testados como sentidos culturais válidos para a sociabilidade dos grupos. Na discussão sobre o conhecimento, é importante recuperar os sentidos que os jovens colocam em suas atividades, uma vez que existe uma estreita relação entre a produção de conhecimento e o investimento de sentido feito pelos sujeitos. Em todos os grupos foi possível perceber um grande interesse em conhecer coisas que pudessem aprimorar o sistema de relações em torno da atividade chave do grupo. Cito alguns poucos exemplos, diretamente relacionados com conhecimentos desenvolvidos nas disciplinas escolares: dos roqueiros, que se interessam pelo conhecimento da trajetória de seus ídolos e buscam o conhecimento do inglês como ferramenta de acesso ao saber; dos *rpgistas*,³ que se tornam peritos em elaboração e narração de histórias, dedicando grande atenção à leitura e ao conhecimento das tramas do jogo, em muitas ocasiões, acessando as informações diretamente da língua inglesa; dos funkeiros, que procuram conhecer a Língua Portuguesa para melhor compor suas músicas e dos capoeiristas, que procuram na história do Brasil elementos para a compreensão da trajetória da cultura negra e os fundamentos históricos da capoeira.

Os processos culturais dos grupos da juventude indicam a possibilidade de se assumir o potencial educativo das formas descontínuas de aprendizagem, abrindo possibilidades para a incorporação do inesperado e da flexibilização educacional, segundo os sentidos e interesses das diferentes subjetividades em curso.

Existe uma dramática contradição entre os jovens e a escola. A escola se enfraquece num momento em que a vida social cobra a sua contribuição para a formação da cidadania responsável. As causas desse processo podem ser encontradas no sucateamento da instituição e na falta de perspectivas de trabalho e vida futura, mas também pela interdição do diálogo entre os sentidos institucionais e

3
Praticantes Roler
Play Game, um
jogo de aventuras
através da
representação de
papéis que se
estabelecem
através de livros
guia e a proposição
de aventuras por
um participante
mais experiente,
denominado
mestre de jogos.

as culturas da juventude. Em algumas ocasiões, em entrevistas ou em conversas informais, jovens fizeram da pesquisa uma tribuna contra o que consideram expressões da intolerância de educadores no trato com os valores e comportamentos da juventude. A evasão escolar, antes de se confirmar como evasão física, é também precedida por uma invisível e simbólica evasão de sentidos culturais e desejos de presença de professores e alunos.

5. A Educação no Olho da Rua

A minha aproximação inicial com o cotidiano dos jovens de Angra dos Reis se deu em minhas andanças pela cidade. Nelas, as ruas se tornavam familiares, e os sujeitos, com os seus variados códigos de decifração, iam traduzindo o urbano que, inicialmente, pouco conhecia.

A experiência ou não da vivência pública da rua orienta drasticamente o valor educativo das relações na cidade. As cidades não são educativas em abstrato. O potencial educativo de uma cidade corresponde tanto ao que se refere à oferta e à organização das estruturas sociais e culturais urbanas, como quanto à quantidade e à qualidade dos relacionamentos que os sujeitos estabelecem. A rua já foi mais amplamente representativa do encontro e da comunicação viva entre os sujeitos, expressão local de cultura e sociabilidade pública. Entretanto, em seu sentido dominante, a rua transformou-se em espaço de circulação programada e também fonte de insegurança coletiva.

Os jovens que fazem da rua um lugar de encontro e sociabilidade expressam a possibilidade de recuperação do sentido público e educativo da rua, numa implícita condenação ao recolhimento à sociabilidade exclusiva dos espaços privados.

A noção de que nas ruas das cidades se desenrolam práticas educadoras não exclui a constatação de que, junto com situações educativas cidadãs, existe a possibilidade de experiências desagradáveis, senão trágicas, durante a movimentação dos indivíduos nos territórios das cidades. As preocupações das famílias e educadores acerca dos *perigos das ruas* são perfeitamente compreensíveis. Entretanto, as ações indiscriminadas desenvolvidas no sentido de proteger as crianças e os jovens, afastando-os das ruas e outros espaços também representam uma forma de violência simbólica. A questão não parece estar na consideração de que a rua é naturalmente perversa, o que justificaria a proteção em relação a elas. As ruas, transformadas em espaços de sociabilidade cidadã podem ser, ao mesmo tempo, educativas e culturalmente públicas. O recolhimento exclusivo ao privado pode ser tão prejudicial quanto a exposição aos *perigos* das ruas. A perda da cultura pública, no quadro de privatização das práticas sociais, leva ao desconhecimento do próprio sentido de cidade.

A cidade tornou-se tão violenta que as pessoas preferem perder a liberdade, em troca da pretensa garantia de segurança. A escolha perversa é a de que preferimos não ser cidadãos livres, mas estarmos protegidos. Os territórios-fortaleza nas cidades transformam espaços públicos e privados em lugares de aprisionamen-

to. Muitas iniciativas vigilantes criam o quadro geral de aprisionamento coletivo no qual os habitantes das cidade não só se acostumaram, como passaram a julgar racionalmente desejável, face ao sentimento de segurança proporcionado. Nas cidades violentamente protegidas e vigiadas, o próprio corpo tende a tornar-se também hermético e impermeável a outros corpos. Considerando que as cidades são feitas das relações que as constituem, torna-se coerente pensar na metáfora da cidade como um corpo que se esquarteja, buscando tornar-se imune a si mesmo.

Na pesquisa foi possível perceber que muitos jovens não negam a importância da participação no debate público sobre a cidade. Afirmam, entretanto, não se sentirem contemplados com as formas tradicionais de se fazer política expressa pelos partidos, sindicatos, associações ou mesmo as modalidades de discussão pública representadas pelos conselhos municipais, considerados demasiadamente formais e burocráticos. Um desafio para a formulação de políticas públicas orientadas para o aumento da participação da juventude nos debates públicos sobre a cidade talvez seja a de se pensar em formas mais ágeis e flexíveis de debate e participação que retomem o princípio da arena de debates como câmara de circulação e confronto de idéias e interesses.

A reunião dos jovens em grupos, em muitos momentos, é vista na cidade como uma fonte de preocupação. Os grupos de jovens são freqüentemente associados à comportamentos desviantes. Identifiquei na cidade representações sociais estereotipadas sobre os grupos da juventude, tais como aquelas que se referem aos roqueiros “doidões” da pracinha do porto e os “bandidinhos” do baile *funk*. É possível afirmar que o isolamento identitário dos grupos é duplamente determinado, por um lado, pelas referências culturais compartilhadas pelos próprios participantes, e, por outro, pela representação ou mesmo estigma instituído pelos demais habitantes da cidade. Neste sentido, o estímulo à existência de espaços comuns de encontro entre os diferentes grupos da juventude é de fundamental importância para a quebra do distanciamento simbólico e o estabelecimento do confronto, política e culturalmente mediado, entre os distintos rituais que confirmam as identidades dos grupos. O investimento em espaços públicos, constituídos sobre a base do estímulo à convivência e ao pluralismo cultural entre os grupos da juventude, pode representar um caminho para formulação de políticas públicas de educação cidadã no tempo livre.

É possível afirmar que o maior fator de preocupação não deveria ser o encontro e a organização dos jovens em grupos, mas a ausência de envolvimento coletivo de alguns jovens e a interdição da comunicação entre os diferentes ritos dos grupos constituídos. Adotar um estilo e participar de contextos de atitudes compartilhadas num grupo pode significar alegria, proteção e aprendizagem cotidiana da alteridade como um contraponto ao individualismo e ao apartamento social.

Partindo dos dados da pesquisa de campo, torna-se possível apontar a necessidade de se criticar categorias que tentam atribuir ao contexto dos grupos da juventude um aspecto de fragmentação e isolamento social extremado. Até mesmo nos grupos de jovens com maior coesão interna, dada pela adesão à determinado estilo musical, esportivo ou atitude política, encontramos a heterogeneidade de biografias que se constituem por distintos caminhos e se enredam por memórias e trajetórias diferenciadas, fazendo com que o *mapa pessoal* da cidade seja único para cada um dos sujeitos da relação. Reconhecer apenas homogeneidade nos grupos pode significar a decretação do fim do conflito em suas configurações e a proclamação da vitória da ditadura do estilo sobre a liberdade de expressão e da autonomia pessoal e coletiva, abrindo janelas ao preconceito. É possível afirmar que o *eu* é múltiplo — ainda que existam variações de qualidades entre os sujeitos —, mesmo em contextos de forte identidade coletiva.

Na pesquisa se evidenciou a forma como a limitação das perspectivas culturais restringem drasticamente as redes relacionais dos jovens, particularmente daqueles oriundos das classes populares que especializam os seus percursos na cidade por delimitados espaços de trabalho e lazer. Os limites impostos à esfera pública são também responsáveis pelas limitações das opções de trabalho, educação escolar e lazer, criando um verdadeiro vazio sociocultural para jovens que experimentam uma dramática abundância de tempo livre resultante da desocupação.

Pude perceber a real importância dos grupos da juventude como câmara de sociabilidade, canal de expressão cultural e recomposição de vínculos sociais na cidade. As movimentações da juventude nos espaços da cidade podem ser extremamente educativas para o processo de reforma moral da práxis política, petrificada na imobilidade dos movimentos políticos e culturais de recorte tradicional, e também para a necessária transformação de forma e conteúdo, exigida para os sistemas educativos. A possibilidade de que os adultos aprendam com os jovens é real. Os jovens não são recipientes vazios no qual se deposita o patrimônio cultural das gerações adultas, terreno baldio no qual agem a indústria cultural e massa a ser formada pelos conhecimentos oficiais. Eles são artífices do processo educativo e cultural, assim como também são produtos da complexidade social contemporânea.

Para compreender os sentidos culturais dos grupos juvenis na cidade deveríamos utilizar o “método” que nos ensina o poeta Antonio Machado:

“Para o diálogo: primeiro pergunte. Depois escute”.

Bibliografia

- ADORNO, THEODOR & HORKHEIMER, MAX. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1985.
- CARRANO, PAULO CESAR RODRIGUES. *Angra de tantos reis: práticas educativas e jovens tra(n)çados da cidade*. Niterói: Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF, tese de doutorado, 1999, 459 p.
- . Ronaldinho ídolo esportivo ou mercadoria global. In: *Futebol: paixão e política*. Paulo Cesar Rodrigues Carrano (org.). Rio de Janeiro: DP&A, 2000
- MAFFESOLI, MICHEL. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- . *A transfiguração do político: a tribalização do mundo*. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- MELUCCI, ALBERTO. *Il gioco dell'io: il cambiamento de sé in una società globale*. Milano: Editore Feltrinelli, 1991.
- SANTOS, BOAVENTURA SOUZA. *Pela mão de Alice*. São Paulo: Cortez, 1995.
- WILLIS, PAUL. *La metamorfosis de mercancías culturales*. Barcelona: Editorial Paidós. In: *Nuevas perspectivas críticas en educación*, 166-201, 1994.